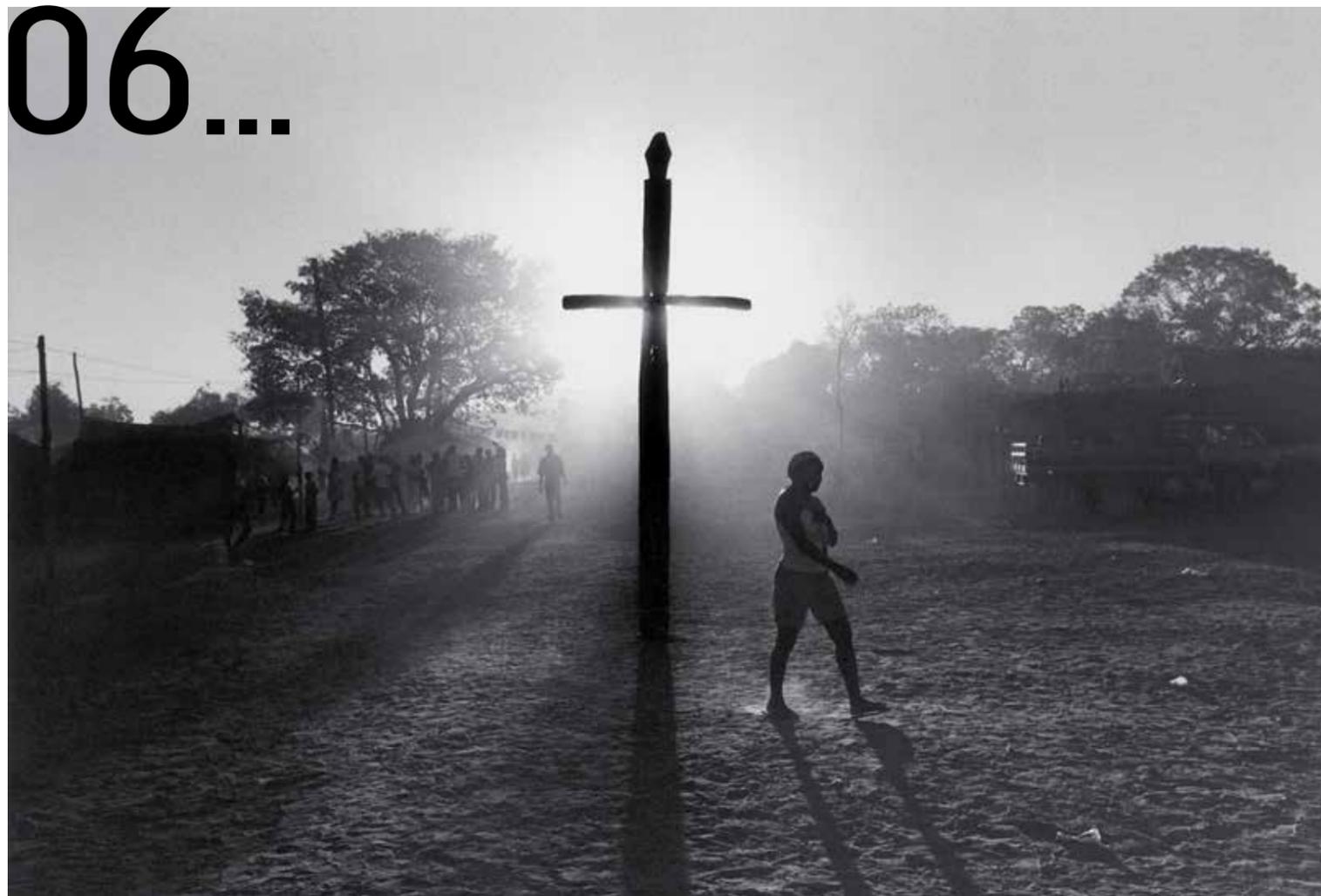


06...

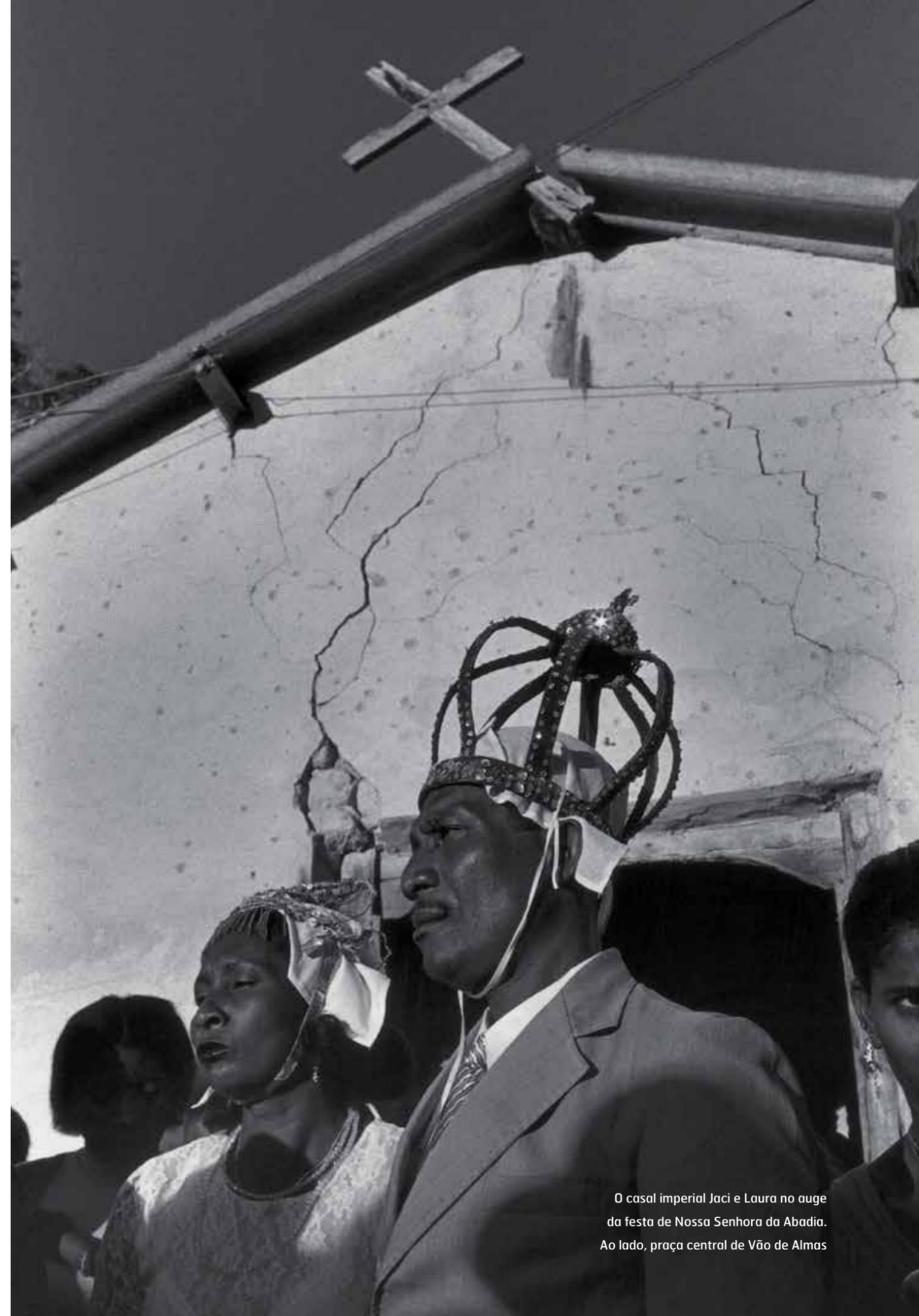


O imperador do **Brasil** Central

Em meio à poeira do cerrado, os calungas fazem sua folia e coroam seu rei. Apesar disso, a maior comunidade brasileira remanescente de quilombos do Brasil teme pela extinção da festa

Por Décio Galina, de Vão de Almas (GO)

Fotos Araquém Alcântara



O casal imperial Jaci e Laura no auge da festa de Nossa Senhora da Abadia. Ao lado, praça central de Vão de Almas



Adenir Farias da Silva,
rei da festa do Divino Espírito
Santo, celebração que ocorre
no mesmo fim de semana
de Nossa Senhora da Abadia



Maior comunidade brasileira remanescente de quilombos, os calungas foram arrastados para Goiás em 1722, quando os bandeirantes caçavam ouro

Três tiros secos. A primeira seqüência de foguetes explode ao longe. Em poucos instantes, pipoca a segunda série de estalos. No forno do cerrado, com a poeira cobrindo a cena toda, os dois grupos de cavaleiros se comunicam com rojões. O estouro inicial avisa que rei e rainha, escondidos no mato, finalmente foram encontrados. A rajada seguinte é a resposta do outro grupo. Como manda a tradição, os dois galopam até o centro de Vão de Almas, fim de mundo de Goiás, um descampado pontuado por uma capela de barro, com paredes rachadas e cruz torta, cerca de 300 quilômetros a nordeste de Brasília.

No meio da nuvem marrom, os cavalos novamente disparam — agora, eles saem à caça de um dos cavaleiros que trai a confiança do chefe e tenta seqüestrar a rainha. O plano diabólico, porém, tem vida curta. O audaz é capturado e finalmente Jaci Moreira Dias, de 39 anos, vai viver seu dia de imperador na festa de Nossa Senhora da Abadia, principal data no calendário religioso dos calungas, a maior comunidade brasileira remanescente de quilombos. “Aqui, é tudo no braço. Não temos ajuda de ninguém”, soltava o imperador algumas horas antes de vestir terno, gravata e coroa. “Viemos de antigos que deram o sangue pela vontade de viver livre — ir para onde quiser, a hora que quiser.” A partir do momento em que se coloca sob a coroa, no entanto, Jaci emudece. Ao som de sanfona, triângulo, pandeiro e zabumba, o casal caminha em silêncio à frente da multidão até a porta da capela. Jaci tem o olhar no nada. Parece flutuar na poeira densa, anestesiado pela catarse. ▶

Mulas e cavalos arreados
como manda o figurino sertanejo
são figurantes indispensáveis para
a festança de coroação do imperador



Na festa mais importante do calendário
dos calungas, centenas de pessoas
chegam dos vilarejos vizinhos para encher
Vão de Almas de poeira e alegria





Os mais velhos da comunidade de cerca de 4 mil pessoas estão preocupados com a falta de interesse dos jovens pela festa. Temem o fim da tradição



Pandeiro, zabumba, triângulo e sanfona afinados: tudo pronto para o forró varar a madrugada

Cada um com seu governo

Os mais velhos da comunidade de cerca de 4 mil habitantes atuam nas principais evoluções da cerimônia (como a dança da espada e da bandeira), além de cuidarem de toda a organização e preparação. A fuzarca começara na noite anterior à coroação de Jaci: levantamento do mastro da Nossa Senhora de Abadia, procissão de velas ao redor da igreja e um forró ambulante que varara a madrugada, colocando os calungas para bailar ao ritmo de incontáveis litros de quentão. O ápice do fim de semana, com o sol do crepúsculo batendo de frente na capela, é a escolha do imperador do ano seguinte — fato que simboliza a perpetuação do ritual. Jaci entra no templo sagrado e continua desconectado dessa dimensão. Nem parece que está derretendo sob a indumentária. O anúncio do novo eleito ocorre na capela abarrotada, após a leitura de pequenos papéis — chamados de mordames

—, com o nome de todos os homens que colaboraram financeiramente na produção da festa. De novo, é apenas o pessoal de mais idade quem cuida de tudo.

“Quando essa turma morrer, a tradição pode morrer junto”, alerta Gilvan Cavalcante, de 47 anos. “É uma pena, mas os jovens não têm interesse.” Aos 74 anos, o velho Nascimento dos Santos Rosa não vê como alterar o caminho à extinção. “Se os mais novos não participam, os velhos nada podem fazer”, lamenta. “Mas não podemos mandar na natureza dos outros: cada um governa seu coração.” Em nome da preservação desses cultos seculares, pessoas de fora da comunidade pesquisam alternativas para defender o patrimônio cultural. Ion David, diretor e idealizador da Travessia Ecoturismo, pretende formar um grupo de visitantes para a festa de Nossa Senhora da Abadia em 2005.

A presença dos calungas nesses grotões remete ao

ciclo econômico vigente na região em 1722: a caça ao ouro. Predadores de então, os bandeirantes Bartolomeu Bueno, o Anhangüera, e João Leite da Silva Ortiz arrasaram milhares de escravos de Angola e da Guiné para o coração do Brasil. Quem conseguia fugir do inferno do trabalho forçado se escondia em locais de difícil acesso, criando um cenário africano nas redondezas da Chapada dos Veadeiros. Esses grupos atravessaram os séculos sem acompanhar o que acontecia no resto do país. Viviam tão isolados que se assustaram com a chegada do grupo da antropóloga goiana Mari de Nasaré Baiocchi, em 1982. Alguns correram, temendo ser um novo ciclo de escravidão. O trabalho de Mari, autora do livro *Kalunga — Povo da Terra*, culminou na criação do Sítio Histórico do Kalunga: uma área protegida de 245 mil hectares. No começo deste ano, alguns povoados foram ligados à rede de eletricidade. A novidade foi bem recebida por uns,

como o agricultor Elói Francisco: “O bom da luz é que tudo fica claro”. Mas não conseguiu unanimidade, como bem expressa a beata dona Lió: “Só quero a luz que Deus mandou: o sol do dia e a escuridão da noite”.

O padre Jair Fernandes Valente aproveita a data, 14 de agosto, para realizar batismos e casamentos. Ou melhor, só batismos. “Há quatro anos não faço nenhum casamento”, constata. “A má influência das novelas e o mau exemplo dado pelos jogadores de futebol banalizaram a cerimônia.” Por falar em bola, no fim de semana da coroação de Jaci, o time Raça Calunga venceu a seleção do município de Cavalcante por 3 a 1, clássico regional que valeu duas caixas de cerveja aos vencedores. Mas certamente não foram os gols de Lino, Domingos e Juarez que marcaram a data. Daqueles dias de uma poeira só, fica mesmo o mistério do olhar de Jaci e o desejo de que a festa dure para sempre.